

"O Evangelho não termina com a Páscoa"

O ano passado, logo no início da pandemia, refletindo sobre o número crescente de mortes e a promessa de que os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro, fui levada a pensar no próprio processo de morte e ressurreição de Jesus e, relendo os últimos capítulos do evangelho de João, fiquei impressionada e emocionada ao ser lembrada que a narrativa não pára na ressurreição!

Na época, dividi meu rascunho em 3 partes: morte, ressurreição e pós-ressurreição. Hoje, revisitando-o, acrescento algumas reflexões baseadas também nos últimos capítulos do Evangelho de Mateus:

MORTE - Todos entendemos o princípio que nos ensina que Jesus escolheu *"ser obediente até a morte e morte de cruz"* Fp 2.8: Ele sabia que *"sem derramamento de sangue não há remissão de pecados"* (Hb 9.22). A exemplo do que acontecia no Antigo Testamento, precisávamos de um Cordeiro perfeito que pudesse ser sacrificado para redenção dos nossos pecados. Jesus é apresentado como tal (*"... eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo"* Jo 1. 29), entregue e crucificado enquanto a Páscoa dos judeus era preparada, conforme podemos ver em João cap 19. Mas o processo, na prática, não foi tão simples e doce como temos a tendência de querer torná-lo, todos os anos, no período da nossa Páscoa.

Quando eu era criança, sempre que ouvia histórias bíblicas que continham princípios a respeito de sacrifício, como a história de Isaque, por exemplo, e do próprio Jesus, ficava pensando: será que isso não poderia ser evitado? Esse filho não poderia ter se recusado a passar por isso? Afinal, ele não fez nada de errado para sofrer tanto! Por que ter de ser sacrificado? Aqui, aprendi sobre obediência filial, a morte do "eu": para Jesus, a morte não era algo agradável, prazerosa, tanto que, em mais de um Evangelho, vemos a narrativa de que Ele pede ao Pai que, se possível fosse, passasse dele aquele cálice, todavia fizesse a vontade do Pai, não a dele. Ele também não disfarçou a sede que sentiu enquanto agonizava (Jo 19) ou seu sentimento humano de abandono e solidão, quando disse: *"Eloí, Eloí... Deus meu, Deus meu, porque me desamparaste?"*. Contudo, o dizer *"está consumado"* (Jo 19.30), pouco antes de entregar seu espírito a Deus foi a concretização final não só de que o plano perfeito de salvação para a humanidade havia sido consolidado, mas que, como Filho amado de Deus, Ele havia praticado o ato decisivo de obediência ao Pai e vencido traição, inveja que motivou sua entrega ao poder público (Mt 27.18), humilhação, açoites físicos e emocionais, o julgamento injusto, controvérsias a respeito de ser Ele o rei dos judeus ou não, insultos para que se salvasse a si mesmo e muito mais. Tudo isto estava incluído no processo de morte, o que, certamente, produziu nele profundo desgaste emocional, luta interior, além de sofrimento físico indescritível; no entanto, Ele se manteve fiel à sua Missão e obediente até o último fôlego!

Aplicação: a vida cristã nem sempre é agradável e prazerosa do ponto de vista da nossa carne e da nossa vontade; no entanto, a vontade do Pai deve prevalecer sempre. Também devemos ter em mente que, *"estamos crucificados com Cristo e vivemos não mais nós, mas Cristo vive em nós"*. Gl 2.20. Por isto, devemos não só estar preparados para eventuais perseguição e martírio que podemos, literalmente, vir a enfrentar, mas, também, para "matar", na prática, *"tudo o que pertence à natureza terrena: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria"*. Col 3.5. Afinal, *"Se morremos com ele, cremos que com ele também viveremos"*, é o que o apóstolo Paulo diz em Rm 6.8. Sem contar que, renunciando a revolução que ainda estava por vir, o que a morte de Jesus produziu, de imediato, foi tão extraordinário que Mateus não poupa detalhes, ao descrever:

"E eis que o véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra, e fenderam-se as pedras; E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos. E o centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto, e as coisas que

havia sucedido, tiveram grande temor, e disseram: Verdadeiramente este era o Filho de Deus.”
Mt 27.51-54

RESSURREIÇÃO – Se, por um lado, o processo de morte foi um momento literal de trevas, a ressurreição, por sua vez, não deixou de ser um evento intenso e sobrenatural! Os detalhes nos mostram isto no cap 20 do evangelho de João: a pedra revolvida pelo anjo após o terremoto (luz dentro do sepulcro!), os panos de linho ali deixados (um corpo anteriormente morto desvencilhado de uma mortalha!), o pano da cabeça de Jesus enrolado num lugar a parte (prova de que suas faculdades mentais e capacidade motora estavam vivas e bem vivas), a incredulidade não só de Tomé, no final do capítulo, que precisou de provas palpáveis, materiais, para crer, mas também dos outros discípulos que só creram quando viram, *“porque ainda não entendiam a Escritura, que era necessário que ele ressurgisse dentre os mortos”* (v. 8, 9); a fidelidade (e fé) das mulheres que o seguiam, a presença marcante dos anjos, a mulher comissionada a anunciar!

A ressurreição anuncia luz, vitória sobre a morte, libertação, continuidade, mesmo em meio a possíveis lágrimas de incerteza, nesse caso, por não se saber o paradeiro do Senhor (Jo 20.13).

Aplicação: O sentimento de perda e desolação, às vezes, nos impede de identificar a voz do Mestre, como aconteceu nesse texto, mas Ele está vivo e reina soberano! Por isso, os verbos devem aparecer no tempo passado: “foi”, “ressuscitou”, “jazia” *“Mas o anjo, respondendo, disse às mulheres: Não tendes medo; pois eu sei que buscais a Jesus, que **foi crucificado**. Ele não está aqui, porque já **ressuscitou**, como havia dito. Vinde, vede o lugar onde o Senhor **jazia**.”* Mt 28.5,6

PÓS-RESSURREIÇÃO - Após sua ressurreição, Jesus ainda permaneceu 40 dias sobre a terra. Essa permanência era intencional e trazia consigo algumas mensagens: “a obra continua”, “ainda não subi para o Pai”, mas quando subir, “voltarei um dia”. “Vá e conte a outros!” todo esse processo: *“Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos que vira o Senhor, e que ele lhe dissera isto.”* Jo 20. 17,18. O final do capítulo chega a ser irônico quando vemos Tomé proclamando “... Senhor meu, e Deus meu!” somente após tocar-lhe o lado e as mãos para conferir se era ele mesmo. *“Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram. Jesus, pois, operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tendais vida em seu nome.”* Jo 20. 27-31

Aplicação: Quantos de nós somos como Maria! A despeito de nossa fé e devoção, choramos e nos entregamos à desolação em meio à incerteza e, por conta disto, não conseguimos identificar a voz do Mestre quando Ele fala conosco. O que tem nos feito chorar? Podemos dizer que todas as nossas lágrimas são justas e legítimas?

Quantos de nós somos como Tomé e os outros discípulos: convivemos com as Escrituras, nos “familiarizamos” com ela, mas só acreditamos no que precisa se cumprir se tivermos provas palpáveis e visíveis!

E quantos de nós somos como Maria Magdalena, que se dispõe a ir e anunciar o que Jesus disse, a fim de que outros creiam que Ele é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenham vida em seu nome?

De acordo com o texto de Mt 27 que lemos acima, após a ressurreição de Jesus, até os mortos que saíram dos sepulcros entraram na cidade santa e apareceram a muitos (uma forma inusitada de testemunho? :) Os últimos versículos do livro (Mt 28) fazem parte da Grande Comissão! Que sejamos impulsionados a colocar nossos dons à disposição do Pai para seguir testemunhando.

Um sonho sobre renovo (de 20 para 21/03):

Sonhei que uma das minhas plantinhas estava perdida e saí à noite, no escuro, para procurá-la. Encontrei-a debaixo de uma grande árvore e ela estava lá, abandonada, plantada num vaso bonito, mas havia sobrado apenas uma folha e o caulezinho que a sustentava era muito frágil. No entanto, a parte que restou estava muito viçosa e bonita porque as raízes eram profundas e estava plantada num vaso fundo. Então peguei o vaso para cuidar dela e Deus começou a falar comigo: "Está vendo essa planta? Ela representa você. Eu sei que você sente que está por um fio... No entanto, embora fisicamente você esteja fragilizada, eu vou continuar cuidando de você; como suas raízes são profundas, você vai voltar a crescer..."

Acordei e o sonho me fez lembrar de dois textos: Isaías 53. 2 e 3 (Jesus, que era desprezado e indigno, subindo como renovo de uma terra seca para perdoar nossos pecados, curar nossas feridas e nos trazer paz) e Isaías 61 (o capítulo todo, mas lembrei principalmente do verso que diz *"plantados pelo Senhor para sua glória"*). Foi quando, relendo o capítulo, percebi que há uma promessa de renovo também no último versículo :) *"Porque, como a terra produz os seus renovos, e como o jardim faz brotar o que nele se semeia, assim o Senhor DEUS fará brotar a justiça e o louvor para todas as nações."* Is 61.11

Acredito que foi a forma que Deus encontrou de me trazer consolo e esperança nesse momento. Sou grata a Ele!

Ao ler o sonho, o Vagner se lembrou do antigo hino "Raízes" do Vida Abundante

Léa
25/03/21